

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte última Hora

Class.: AM - militares

Data 24.04.89

Pg.: 30

## 190 Coluna do João

JOÃO LUIZ DE ALBUQUERQUE

### Leonidas' last stand

Coitado do índio brasileiro. Só deram uma dentro naquele banquete quando os Caetés jantaram o primeiro bispo do Brasil, o dom Pero Fernandes Sardinha em 1556. Tirando aquela vez, o resto só deu cara pálida. Imaginem o peso de ter sua imagem pública criada, sem o menor compromisso com a realidade, em prosa, verso e ópera pelo trio Gonçalves Dias, José de Alencar e Carlos Gomes. É pouco? Tem mais: durante gerações, os livros de História do Brasil ensinaram que o índio foi, indiretamente, o culpado e responsável pela escravidão negra neste país. "Os portugueses só foram obrigados a comprar escravos africanos porque os índios eram preguiçosos e não queriam nada com o trabalho." Passa-se o tempo e, agora, em pleno Dia do Índio, vem o ministro do Exército todo fardado e engalanado e faz um discurso, onde afirma que a cultura dos nossos indígenas é baixa e não respeitável. Apertando mais forte o botão de disparar mísseis, xinga uma multidão de 190 mil índios, dizendo que eles não passam de "atores que usam jeans, máquinas Panasonic de vídeo e relógios Seiko no pulso". Parecia um daqueles fanáticos religiosos da Santa Inquisição, o ministro Leônidas Pires Gonçalves a exigir a completa integração do índio à sociedade branca, em nome da elevação do padrão de vida. Nos tempos da fogueira e do óleo fervendo, tudo era feito, inclusive a brutal e criminoso catequese, em nome de Jesus. Sim, o ministro do Exército já pode ficar fazendo merchandising, com a TV Globo (onde trabalha o filho), de produtos estrangeiros como a Panasonic e Seiko, que aliás têm similar nacional?

O ministro do Exército deu sorte de não ter vivido no tempo do marechal Rondon, senão aquela famosa frase do amigo número 1 do índio brasileiro teria que ser mais longa e mais

completa. Em vez de "morrer se preciso for, matar nunca", o velho Rondon por certo teria dito: "Meu caro general-ministro, morrer se preciso for, matar nunca e, esculhambar assim, muito menos!" Se é num país civilizado, o chefe do governo demite o ministro no ato. Mas, aqui, além de ato ser uma palavra tabu, quem é o cacique de fato?

Espero que no futuro, eu não venha a ter dores de cabeça por causa deste prêmio que ofereço daqui ao respeitável e principalmente temido ministro Leônidas Pires Gonçalves. Quer dizer, se for para ter dores, que sejam apenas de cabeça e, todas elas, por favor, de origem orgânica e natural. Mas com todo respeito, ofereço daqui deste cantinho de página, o Prêmio John Wayne: pelo menos nos filmes de faroeste, ele também odiava os peles-vermelhas.

Como um Albuquerque, cujo primeiro antepassado a chegar nestas terras foi logo se casando com uma índia e, tendo eu mesmo me casado com uma moça que tem o sangue Maya a lhe correr pelas veias, quero deixar claro que nesta ou noutra briga parecida estou do lado dos índios. Índio é bom e eu gosto. Tem mais, já que falei no John Wayne e nos Estados Unidos, deixa eu lembrar aqui, no maior respeito, o que aconteceu a um também famoso e vitorioso general da Guerra da Secessão, o George Armstrong Custer. Sua última batalha (em inglês, Custer's Last Stand) aconteceu em 1876, durante a campanha contra a tribo Sioux. Na localidade de Little Bighorn, ele e sua adestrada e bem armada tropa de 200 oficiais e soldados foram mortos pelos índios. Poucos sobraram para contar a história. A causa da batalha? Garimpeiros brancos invadiram a reserva indígena Sioux, demarcada pelo governo. Então tá.